

O Tempo Brasileiro de Eduardo Lourenço

O último volume da *Obra Completa* do notável ensaísta e pensador – cuja organizadora já aqui entrevistamos, após ter feito uma pré-publicação do seu texto introdutório – na análise do prof. de Literatura Portuguesa e Brasileira da Universidade de Bolonha, titular da cátedra Eduardo Lourenço, e presidente da Associação Internacional de Lusitanistas

ROBERTO VECCHI

N

Não poderia haver melhor comemoração dos 40 anos da publicação de um livro dorsal na obra de Eduardo Lourenço (EL), *O labirinto da saudade* (1978), um divisor de águas no pensamento português, uma chancela pública inapagável para o seu autor, do que a edição de *Tempo Brasileiro: fascínio e miragem*, organizado por Maria de Lourdes Soares, volume IV das *Obras Completas* promovidas pela Fundação Calouste Gulbenkian. Aliás, pensar estas duas obras que se inscrevem profundamente em dois contextos temporais tão longínquos – mas com conteúdos mais próximos do que se esperaria – proporciona interessantes oportunidades de reflexão sobre o pensamento de EL como um todo. Um pensamento que, por fragmentos, imagens, ideias, ocupa já 70 anos de vida cultural.

Tempo Brasileiro é o resultado de um cuidadoso projeto de montagem de uma escrita e de uma biografia como aquela do grande crítico que encontra no Brasil matrizes muito profundas para o seu pensamento em construção. É como se o impensado – que tanto domina a hermenêutica heterodoxa e dispersa do professor – fosse ao encontro do inesperado. A organização do volume, de Maria de Lourdes Soares, tinha sido antecedida, em 2015, por uma significativa amostra do potencial que possui o arquivo de brasileira, distinguindo-o assim dos textos sincrónicos escritos durante a estadia no Brasil por aproximadamente um ano, entre 1958 e 1959, ou do Brasil como referência biográfica e cultural recorrente ao longo das décadas. A publicação pela Gradiva, em 2015 como se disse, do volume *Do Brasil: fascínio e miragem* representa um embrião significativo do que o presente volume da *Obra Completa* iria consolidar. Naquela ocasião preliminar eram reunidos 24 textos e o suplemento de uma entrevista, antecididos por um prefácio que já se detinha para configurar um conceito como aquele de tempo brasileiro no seu contraponto com a ideia central no pensamento de EL de



Eduardo Lourenço “Um monumento cintilante e complexo de uma experiência do seu pensamento”

tempo português, deixando também entrever que tudo não passava de uma ponta de um iceberg largamente ainda por editar.

Nesta nova organização, a parte anteriormente publicada integra-se num conjunto textual e editorial bastante mais amplo e impetuoso, representando mais ou menos um quarto dos textos reunidos, entre artigos, ensaios, textos incompletos ou de circunstância, fragmentos, anotações e entrevistas. Um monumento cintilante e complexo de uma experiência que representa uma cena primária auroral do pensamento de Lourenço, marcada desde logo por uma inquietude e interrogações inextinguíveis, que são já os marcos morfológicos do incontornável ensaísta em construção. Uma matéria magnética tão ampla é oportunamente estruturada em partes que servem para procurar disciplina e ordem num fluxo de pensamento, escritas e imagens, vorticosas, que escapa, no entanto, por todos os lados.

FOI UMA TAREFA TITÂNICA esta da organizadora, a de inscrever numa estrutura coerente uma corrente tão viva e veemente de textos completos e fragmentários. Esta tornou-se possível graças à habilidade me-

tafórica da curadora em construir contadores adequados para as sete secções (número cabalístico para um dos autores brasileiros mais prestigiado pelo livro, Guimarães Rosa) tanto da obra como dos seus anexos, recorrendo também com argúcia a uma das figuras residuais decisivas, proporcionadas pelo próprio filósofo e crítico português, ou seja, a dos destroços.

O que se depreende com evidência clara também da engenhosa organização dos materiais, do aparato de apoio que procura inscrever o conjunto de textos numa sequência crítica e biográfica linear, é que o Brasil não só é um dos mais significativos inícios de uma genealogia labiríntica (uma metáfora, a do labirinto, que parece nunca poder faltar quando se fala de EL) de pensamentos, ideias, palavras, imagens – e enquanto genealogia impossível a ser reduzida numa teleologia adequada – mas que vai de imediato constituir, o Brasil, uma permanência do seu horizonte crítico. E talvez aqui resida o mérito maior de um volume impressionante por riqueza e potencial interpretativo que revela, o fundo praticamente ilimitado das suas ressonâncias críticas, da sua imaginação especulativa.

“**Um volume impressionante pela riqueza e pelo potencial interpretativo que revela, o fundo praticamente ilimitado das suas ressonâncias críticas, da sua imaginação especulativa**”

O que emerge nitidamente do volume é que o Brasil é um tópico fundador para Lourenço, mas também uma ausência oximoricamente presente e implicada – ao mesmo tempo influente e horizontal – no pensamento e nas obras. A prova desta centralidade reafirmada e longamente encoberta hoje decorre do próprio volume da *Obra Completa*: o Brasil redonda e sobressai de um perímetro experiencial ou memorialista em múltiplos trabalhos, mesmo muito distantes da vivência brasileira

do final da década de 50. O Brasil transvazava-se num fluxo reflexivo do filósofo e do crítico literário que configura a partir de dados do contexto, ou da literatura ou do cinema ou do pensamento, como que uma mitologia própria, parte inseparável da mitologia portuguesa. E torna-se assim uma chave de acesso – uma das exíguas e substanciais – a todo o seu sistema de pensamento.

A evidência desta disseminação decorre do próprio volume da *Obra Completa*: o encadeamento dos textos e dos fragmentos é o fruto também de uma obsessiva procura de resíduos do Brasil nos variados campos do pensamento do autor. Um exemplo é representado pela decisão da organizadora de incluir, numa secção específica, a articulada reflexão sobre a lusofonia, que obviamente é parte mas também transcende o objeto confirmando ao mesmo tempo o seu traço seminal. Mas poderia também espalhar-se pela África, o que faz totalmente sentido porque a grande e precoce análise sobre o colonialismo ressentido de uma cena de fundação da consciência trágica do império e do colonialismo português cujas evidências, monumentais e ruinosas, surgem no contato biográfico com o Nordeste do Brasil.

UMA AMOSTRA ELOQUENTE DESTA ATITUDE extensiva e inclusiva oferecida pelo Brasil enquanto tópico é representada pelo apontamento sobre a Filosofia dos Bantos, do missionário belga Placide Frans Temple, livro que marca um complexo primórdio da etnofilosofia africana, muito debatido pelos filósofos de África à procura de uma hermenêutica emancipatória que ultrapasse as fundações equivocáveis como esta. A associação deste fragmento à deportação dos escravos Bantos para o Brasil mostra um esforço máximo de inscrição e centralização dos atos críticos de Eduardo Lourenço na experiência e no vigor interpretativo de uma mitologia brasileira que sempre retorna. Estratégia relevante, esta, porque é verdade pelo menos hoje que, apesar de excêntrico, disperso e fragmentário, o sistema teórico de EL quase que por paradoxo se estrutura com fortes linhas conjugativas. É o ensaio e não o tratado a forma com que se desenrola esta lúcida desconstrução de mundos e de obras, mas a recomposição dos fragmentos mostra a antevisão de um mosaico que pode surgir de modo inesperado, sobretudo pelas combinações mais ousadas. É o que ocorre no *Tempo Brasileiro*.

A organizadora do volume encontra a melhor argumentação deste

LUÍS BARRA